

SCHOSTAKOVICH-ENSEMBLE - 17OUT

SCHUMANN-BRAHMS: Díptico Romântico

NOTAS AO PROGRAMA

A estreita relação de amizade que unia Robert Schumann e Johannes Brahms é conhecida. Foi Joseph Joachim que fez com que os dois se conhecessem, e o primeiro encontro entre eles aconteceu em 1853, em Dusseldorf. Brahms tinha então vinte anos e Schumann ficou de tal forma impressionado com o jovem compositor que lhe dedicou o seu último artigo na *Neue Zeitschrift für Musik*, a influente publicação que fundou. Mais tarde, Schumann apresentou Brahms à editora Breitkopf & Härtel e, pouco depois, convidou-o para ir viver com ele e a sua mulher, a emblemática Clara Schumann.

Poucos anos depois, em 1856, Schumann morreu, mas Brahms manteve-se um amigo leal. Sempre muito próximo de Clara, por quem se apaixonou, foi um defensor entusiasta da obra de Schumann - foi ele, por exemplo, que fez publicar, em 1891, a versão original (1841) da quarta sinfonia (op. 120) do compositor. Brahms morreu, já famoso, em 1897.

Actualmente, a música de ambos os compositores é das mais acarinhadas pelo público, mais interpretadas e mais conceituadas. Schumann e Brahms são, sem dúvida, dois símbolos marcantes do romantismo musical e as suas composições tornaram-se determinantes para a evolução da história da música ocidental do século XIX.

R. Schumann | *Trio com piano n.º 1 em Ré menor, op. 63* (c. 30 min.)

Dos quatro trios com piano que Schumann compôs (op. 63, op. 80, op. 110 e *Phantasiestücke* op. 88), o primeiro, em Ré menor, é sem dúvida o que mais sucesso tem, quer com o público quer com os intérpretes, e é o único que tem um lugar regular no repertório.

A obra foi escrita em 1847, no mesmo ano que o *Trio* op. 80, na cidade de Dresden, para onde o compositor tinha ido viver com a família em Dezembro de 1844. A estreia pública deu-se em Leipzig, no dia 13 de Novembro de 1848, depois de ter sido publicada em Julho desse mesmo ano pela Breitkopf & Härtel.

Não é de admirar que este trio tenha obtido um sucesso considerável. De facto, é uma obra-prima do género, representativa do romantismo musical e da natureza criativa de Schumann. Ao cromatismo e expressividade melódica juntam-se elementos directamente derivados do estudo da música de Bach, compositor que Schumann muito admirava, como, aliás, era comum na sua época.

O trio está dividido em quatro andamentos, como era tradicional. O primeiro é baseado em dois temas de grande escala e, ao longo de toda esta secção, Schumann surpreende-nos por diversas vezes, uma característica habitual da sua personalidade - não nos esqueçamos que o compositor foi um dos espíritos musicais mais originais da sua época. O *Scherzo* que se segue é baseado numa sequência de notas ascendentes que tanto são tocadas de forma viva e nervosa, como de forma mais calma. No terceiro andamento, mais intensamente romântico, Schumann explora ambientes sombrios e íntimos, embora não deixe de incluir algumas passagens mais animadas. Este ânimo converte-se em paixão e intensidade no último andamento, que contém dois temas distintos. Na partitura Schumann indica *Mit Feuer* ("Com Fogo"), o que nos demonstra bem o ambiente pujante que o compositor pretendia impor à sua música.

Finalmente, há que referir um aspecto mais técnico relativo a esta obra e que se estende a grande parte da música de câmara com piano de Schumann: os intérpretes têm de prestar um cuidado especial ao equilíbrio sonoro. De facto, tendo o piano, sempre presente, um lugar preponderante em toda a peça, tem de haver um esforço consciente da parte do pianista para não cobrir os outros dois instrumentos de corda.

J. Brahms | *Quarteto com piano n.º 2 em Lá maior, op. 26* (c. 47 min.)

A produção de música de câmara de Johannes Brahms é notável e tornou-se emblemática ao longo dos anos. Sem ter escrito um número avultado de peças neste género específico (vinte e quatro opus), o compositor, mesmo assim, escreveu para vários tipos de conjuntos instrumentais e a esmagadora maioria destas peças é de grande interesse musical e faz parte do repertório habitual que se ouve nas salas de concerto. Entre outras obras, Brahms escreveu sonatas para violino e para violoncelo, sonatas para clarinete (ou viola), e variadíssimos trios, quartetos, quintetos e sextetos - entre os quais os três quartetos com piano, opp. 25, 26 e 60, uma formação fora do comum para a época.

À semelhança de outras obras do compositor, como as duas primeiras sinfonias e quartetos de cordas e as sonatas para clarinete, os dois primeiros quartetos com piano foram escritos na mesma altura, a partir de 1857. Quatro anos depois, em 1861, as duas peças estavam terminadas e em Novembro de 1862 as duas foram estreadas (em dias diferentes). O *Quarteto com piano em Lá maior, op. 26*, foi estreado, com sucesso, pelo próprio Brahms ao piano e por membros do Quarteto Hellmesberger, no dia 29 desse mês. No programa constavam também as *Variações sobre um tema de Handel, op. 24*, a *Fantasia em Dó maior, op. 17*, de Schumann, e uma *tocatta* de Bach num arranjo do próprio Brahms. Em 1863, estes dois primeiros quartetos com piano foram publicados.

A obra está dividida em quatro andamentos e é muitas vezes considerada menos interessante do que a op. 25, provavelmente devido ao facto de não ser tão explicitamente romântica ou não parecer tão inspirada como esta última, o que é sem dúvida muito discutível. Ao longo dos andamentos, Brahms demonstra bem a sua inigualável criatividade temática. O primeiro andamento, mais tradicional, alterna entre serenidade e intensidade. O *Adagio*, simples e magnífico, funciona como centro emocional e musical da obra. No *Scherzo*, com a sua escrita canónica, é audível a admiração que Brahms tinha pela música de Bach. Por fim, no último andamento, onde a inventividade temática do compositor também está bem patente, são os ritmos dançantes e enérgicos que predominam, levando a música a um final vigoroso.

Francisco C. Sassetti